

# Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA  
Director - ABEL MONTEIRO

ESPECIALIDADES  
em  
CARNES FUMADAS  
do Alentejo  
**João Rosa**  
NISA

Propriedade da Direcção / Editor, João da Cruz Rosa / Imprensa: Tipografia Castelvidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Largo do Dr. António José de Almeida-NISA.

## SERPA

a moira linda que se veste  
de branco ao luar...

AQUELA «sida a Serpa» tinha vindo a lume inesperadamente, no recanto dum Café simpático e acolhedor, longe dos meios agitados de bulício e nervosismo.

«Impunha-se-me» a partida no dia seguinte, manhã alta, quando o cidade de «desvaltradas gentes», começa a desgrudar as pestanas, para o seu labutar constante, batalha sem quartel contra o mar largo que, umas vezes, a prenda com riquezas de fábula, e outras, lhe devolve às prais desertas, por entre penedos e vagalhões, os corpos inertes dos pescadores, amarfalhados pelas tempestades gigantes.

A resolução, tomada unilateralmente, não podia ser revogada... E' que são inúteis todos os argumentos e errados todos os silogismos, quando a sinceridade amiga arrebatou os corações. Impossível resistir! E, lá fomos! lá fomos na manhã esplendorosa a demandar a planície ardente, a planície sem fim que o sol inunda, e que fez nascer em nós «le désir d'un impossible quelconque» como diria Georges Sand, misto de cânticos e lágrimas, mágica canção, dolorosamente linda!

Fazíamos lá ideia de Serpa, essa moira vila distante que se veste de branco, ao luar de Agosto e vive encantada no cinto das suas muralhas vetustas que já rasgou para a conquista da periferia! Fazíamos lá ideia da lhanesa e afabilidade dos seus habitantes, desses heróis da plumura que arrancam do ventre escaldante das geiras o trigo loiro das searas que depois é farinha alva de luar, que depois é o seu pão de cada dia!

O Guadiana corre-lhe à distância, em meandros voluptuosos que se atapetam de verde à flôr das águas, deixando contemplar aqui e além, no espelho da linfa, os corpos contorcidos de azinheiras e chaparros.

E, ora se aperta em gargantas fundas que lembram precipícios plutónicos, ora se espraia amoroso cantando com embauldora dolência, nos, engenhos dos «moinhos», à babugem da margem ou, solitários, acachapados em ilhotas pedregosas, onde cada fenda de rochedo é um palmo verde de esmeralda.

Foi neste êxtase da paisagem, depois de atravessarmos a planície de Beja, litúrgica e enigmática, que entrámos, pela primeira vez, em Serpa, à luz viva dum tarde de Agosto quando a simpática vila, toda branquinha de cal, a constatar com a negridão dos seus muros

medievos, se agitava ofegante, na Feira afamada de todos os anos. E foram dias passados em Serpa, que pareceram horas; que ainda hoje se nos projetam no pensamento, como visão magnífica dum sonho lindo, que afinal foi pura realidade.

Devassámos as suas torres e barbacans, corremos pelos adarves decrepitos que circundam quadrelas ciclópicas e torreões maciços, ainda hoje com o seu ar vigilante de cidade cristã às hostes devastadoras do Islão.

Penetrámos em templos magníficos, verdadeiros repositórios de riqueza artística que, por vezes a ignorância ou um exagerado zelo de piedade religiosa corrompeu e delapidou.

Ha telas e azulejos de preço, riquíssimas talhas douradas em altares e oratórios; ha capiteis magníficos do românico, em Santa Maria, e um adorável claustro manuelino no convento de S. Francisco, precioso monumento que um pseudo-restauro de ha poucos anos, conseguiu fazer diminuir, num lamentoso vexame à Arte.

Oh! mas havemos de restituir a Serpa a integral pureza do seu tesouro estético, combatendo na Imprensa por essa «dama de altas linhagens»!

Havemos, numa oportunidade que se avizinha, de fazer notar aos Poderes Públicos o que ha em Serpa de magnífico e espiritual.

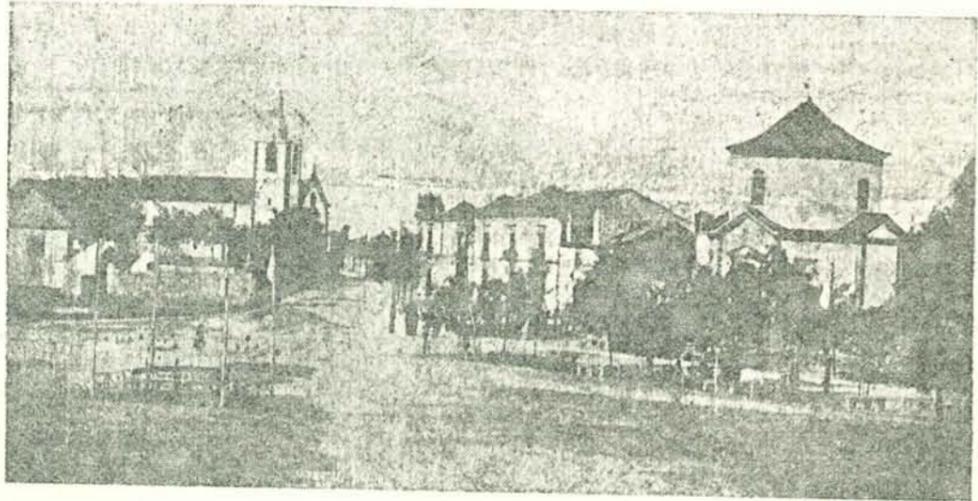
Muralhas e bastiões, cubelos e adarves em ruina; e essa coisa insólita e inacreditável dum comboio roneeiro e nutraqueador que, da estação de Beja, nos conduz até lá, sem comodidade, apinhado de gente, como a mala-posta que nos descreve Ramalho nas «Parpas»; assim com o ar duma composição mineira, nas explorações do negro sertão distante

Serpa! A moira linda que se veste de branco ao luar! Ainda hoje, e sempre, a ouvirei cantando, dolorosamente bela, na opotose do sol nascente.

«Rosa branca, desmaiada, onde deixastes o cheiro?  
—Deixei-o no teu jardim, à sombra do limoeiro.  
À sombra do limoeiro, onde não sejas regada.  
Onde deixastes o cheiro, rosa branca, desmaiada?»

Abel Monteiro

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.



## Velhos tempos... - Velhas saúdaes...

A nossa gravura de hoje reproduz a parte sul do Rossio de Nisa, onde se abre a entrada principal do vasto e aprazível logradouro público.

Por aqui se verifica que as igrejas do Espírito Santo e do Calvário não sofreram sensíveis alterações externas, além da frontaria da última hoje vexada com um inestético poste telefónico. No edificio onde se encontra actualmente instalada a Secretaria Judicial, o Posto da Polícia e a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, notam-se alterações nas empenas do telhado, construído, como ordenava a traça do prédio, em levantamentos separados e correspondentes às paredes mestras interiores. Ao fundo, à esquerda, um muro vulgar estabelece uma vedação particular, onde anos mais tarde se ergueu o edificio que é hoje re-

sidência do Sr. Doutor José Fráustro Basso. Nota-se, também, pela gravura, que o Rossio se preparava para um arraial nocturno, pois vê-se um corêto de madeira, de construção rasteira e muitos balões venezianos, suspensos das árvores, circunstância digna de registo, pois na maioria destas festividades populares o escuro era de breu. Só quando desabrochavam os habituais foguetes de lágrimas, se via um pulmo à frente do naris; e tantas vezes apaixonados idilios, tendo-se em conta que Cupido não recia as trevas, se é que as não ama...

Em frente da Igreja do Calvário, a mala-posta, rodeada de mirones, que sempre apareciam, «a ver quem vinha».

Nós nessa época já distante, então estudante do Liceu, com outros colegas nunca perdíamos, pela tarde, a chegada e a

partida da mala-posta, para a Beira.

Enquanto o tratador do gado fazia a muda dos três cavalos, os passageiros iam desdentar-se e retemperar o estômago, no antigo «Restaurante Correia». Depois, engatados os novos cavalos, os passageiros nos seus lugares (alguns encarpitados na «imperial»), o postilhão subia e tomava as rédeas. A um sinal combinado, o tratador largava os animais, e logo estalava o chicote. Os cavalos, empinando-se, rompiam num galope desenfreado e havia uma grande estroplada das ferragens da carripana.

Não é sem saúdaes que hoje reconstituimos as coisas, as pessoas e os hábitos daquêles tempos...

Nizôrro

## MOSAICOS

Foi recentemente condecorado com a Gran-Cruz da Ordem de Instrução Pública o Prof. Doutor Maximino Correia, Reitor da Universidade de Coimbra.

O ilustre catedrático, que à frente do nosso mais antigo e prestigiado estabelecimento de Ensino tem desenvolvido uma notável acção cultural, vê assim justamente galardoados os seus inegáveis méritos de Mestre sapientíssimo.

Abel Salazar, uma das maiores cerebrações da actual geração, cientista, literato, pintor e escultor de raros dotes, modelou magistralmente um busto de Eça de Queiroz que se encontra em exposição no mostrador duma importante livraria de Lisboa.—O magnífico trabalho do Dr. Abel Salazar destina-se ao Brasil.

Realizou há dias, no Salão da Livraria Portuguesa, um recital de poemas da sua autoria

## Dr. Ribeiro Couto

Esmalta hoje as colunas deste Jornal uma poesia modelar de Ribeiro Couto, poeta e diplomata do melhor coturno, ainda há pouco Encarregado de Negociações do Dr. Pedro Homem de Melo, poeta requintado e um dos mais relevantes bardos da nova escola.

gócios em Lisboa e, agora, com o péno estribo do «Sud Express» que o conduzirá à Suíça, onde passa a representar o seu País; o seu e nosso Brasil.

Quizemos, ao dar à estampa esta inspirada produção, prestar homenagem ao bardo in comparável, mesmo com a modestia dos nossos recursos.

Anunciem no «CORREIO DE NISA»

## Leiam na 4.ª página Os Cavaleiros do Nevoeiro

